

VIOLÊNCIA NO CAMPO: FRUTO PODRE DA BURGUESIA E DO ESTADO

“Pinga o suor na enxada, a terra é abençoada”. Se por um lado os belos versos do enredo de 2013 da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel – infelizmente financiada por uma empresa do agronegócio – cantam a importância e o esforço do trabalhador rural, consagrando a escola como a campeã do carnaval do Rio de Janeiro, por outro a negligência, covardia e a impunidade aturdem estes mesmos personagens com o sangue de dois militantes do MST, de Campos dos Goytacazes/RJ, assassinados pelos exploradores que financiam a miséria e a fome.

Colocamos na conta do Governo a negligência que custou a vida de mais dois lutadores do campo. Não nos surpreende o desempenho pífio do Governo Dilma em relação à promoção da Reforma Agrária no país, desempenho inclusive inferior ao observado no desprezível governo Fernando Henrique. Menos ainda fizeram o Governo do Estado do Rio de Janeiro e a máfia Garotinho, que controla a política municipal de Campos dos Goytacazes, cidade onde ocorreram os brutais assassinatos.

A negligência de que falamos pode ser observada nas 150 mil famílias que estão acampadas debaixo de lona preta, submetidas a condições precárias de moradia, sem acesso a saneamento básico, educação do campo, estradas e energia elétrica. Não há recursos disponíveis para estes agricultores investirem na produção, não há acesso a políticas como o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), não há assistência técnica rural. Nesta situação de abandono, a terra só é capaz de produzir insegurança e sofrimento.

A covardia, tão bem caracterizada em tiros pelas costas que alvejaram o militante assassinado, é característica dos exploradores, malditos latifundiários, coronéis do século XXI. Estes seres humanos, se é que podem ser considerados como tais, se utilizam de todos os meios para atingirem seus objetivos: compram o Estado, compram pessoas sem caráter, financiam a guerra entre

os mais pobres e o culto ao capitalismo. A estes o Governo concede todos os direitos, incentivos e subsídios milionários para produzirem alimentos contaminados por agrotóxicos.

Segundo Sérgio Sauer, relator do Direito Humano à Terra, ao Território e à Alimentação (Plataforma Dhesca Brasil), “Os conflitos no campo, infelizmente, que resultam no assassinato de lideranças e camponeses, são frutos de dois fatores fundamentais: a concentração absurda da terra e a impunidade”. Historicamente, a realidade do campo brasileiro é de uma profunda concentração da propriedade da terra. Os dados do Censo Agropecuário de 2006 do IBGE vêm reafirmar esta concentração: enquanto os grandes latifundiários detêm 45% das terras, os pequenos agricultores, verdadeiros provedores de alimentos, de feijão e arroz, ocupam apenas 2,4% das terras do país. A enorme demanda pelo acesso a terra pode ser vista através do fato de que existem pelo menos 3,7 milhões de famílias sem terra no Brasil.

A impunidade, como não poderia ser diferente, constitui-se na contribuição do judiciário para a violência no campo. São muitos casos de crimes sem solução e responsáveis intocados. Para ilustrar, em fevereiro deste ano foi absolvido um réu acusado de assassinar uma liderança sem-terra no Paraná – em um julgamento realizado 10 anos após o crime ter sido cometido. A justiça não

pune os culpados e tampouco protege os inocentes. Por não terem sido incluídos no programa de proteção à testemunhas, um casal de seringueiros foi assassinado após denunciarem o desmatamento ilegal no Pará em 2011.

Completando o cenário, no legislativo os grandes latifundiários e exploradores do campo estão fortalecidos por uma bancada ruralista reacionária e corrupta. São estes os canalhas que ditam os rumos da política rural e ambiental brasileira, haja visto o papel decisivo que exerceram para a aprovação do Novo Código Florestal. A bancada ruralista é apoiada inclusive por partidos da base aliada do governo (PT, PC do B, PMDB, PSB).

A luta dos militantes do MST assassinados em Campos era maior do que a luta pela terra. Lutavam contra Eike Batista, que expulsa pequenos agricultores de suas terras para a construção de seu império tropical; contra a escravidão, ainda tão absurdamente presente em Campos dos Goytacazes; contra os usineiros de cana e seus jagunços; e sobretudo a favor de uma vida digna no campo que inclui a produção de alimentos saudáveis para a população.

Mesmo com todas estas pautas e reivindicações, a ave de rapina da imprensa corporativa se organizou para expor à sociedade a mentira de que as mortes eram resultantes de conflitos internos aos movimentos,

Nota de repúdio ao assassinato de militante do MST-RJ pág 2

**“Um Manifesto”
Flóres Magón pág 2**

**“A Terra”
Malatesta pág 3**

**Notícias
Libertárias pág 4**

omitindo assim a relação dos crimes com toda a cadeia de violência que vem desde a concentração fundiária à falta de estruturas básicas nos assentamentos e no campo.

Desta forma, não nos resta mais opção a não ser estarmos organizados frente às ofensivas do capitalismo e nunca nos calarmos enquanto houver extermínio e exploração da classe trabalhadora. É tempo de lutar, de construir permanentemente o poder popular nos locais de trabalho, nas favelas, no campo, nos espaços de estudo e em todos os lugares onde existam oprimidos e opressores. É na organização e na rebeldia frente às injustiças que se faz um povo forte, pois não podemos nos acomodar enquanto houver companheiros caídos. Para os pobres e oprimidos/os do mundo, todos os tempos são de luta!

Nós da FARJ gostaríamos que estes companheiros, Cícero Guedes e Regina dos Santos, pudessem ainda estar ao nosso lado, mas hoje fazem parte da terra que tanto lutaram para cultivar. Seus corpos serão as sementes de uma sociedade melhor, igualitária, fraterna e contra o capital. Suas histórias de luta serão a cultura que fará estas sementes germinarem. A estes heróis, nossa homenagem e nossa luta. Não descansaremos jamais até que a terra e os meios de produção sejam de todos!

**ORGANIZAÇÃO E PODER POPULAR
POR TERRA, TRABALHO E
LIBERDADE!!!**



NAS BOCAS...

**Por nossos mortos, nem um minuto de silêncio!
Toda uma vida de luta! Cícero e Regina presentes!!!**

Nota de repúdio ao assassinato de militante do MST-RJ

Rio Grande do Sul, 27 de janeiro de 2013.

As organizações e movimentos sociais dos países participantes do X Encontro Latino Americano das Organizações Populares Autônomas – ELAOPA, reunidos em Porto Alegre nesta data, manifestam o mais profundo sentimento de luto e revolta em relação ao brutal assassinato do militante do MST Cícero Guedes dos Santos. Assassinado por conta das retaliações locais oriundas da ocupação “Luís Maranhão”, na usina de cana-de-açúcar Cambahyba em Campos dos Goytacazes – RJ. Ocupação emblemática, pois nestas terras, pertencentes à família de Heli Ribeiro Gomes, cujos fornos de fabricação de açúcar eram emprestados para incinerar corpos de militantes mortos pela ditadura militar.

Companheiro presente desde a primeira ocupação do MST no estado do Rio de Janeiro, onde hoje é o assentamento Zumbi dos Palmares, Cícero era um militante de garra e presença marcante. Onde houvesse luta, onde houvesse animação no movimento lá estava o companheiro com sua voz firme e suas palavras de ordem sempre desafiando o Capital, sempre combatendo a exploração da classe trabalhadora, resistindo e organizando. Sua trajetória enquanto trabalhador rural é semelhante a de milhares de outros camponeses em nosso continente, migrando de região em região, lutando contra o latifúndio em diversos acampamentos e ocupações de terra em busca de justiça social e soberania popular. Sua família, assim como tantas outras que resistem no campo, nunca se cansou de lutar pela reforma agrária, dispostos sempre a organizar a produção de alimentos saudáveis e a mobilizar novos companheiros para seguir na construção de uma sociedade mais digna e igualitária.

Manifestamos mais uma vez nossa indignação, exigindo que sejam punidos os assassinos e reforçando que é culpado também o Estado brasileiro, que não realiza a reforma agrária. Neste governo que mantém milhares de famílias debaixo de lona e na beira de estradas, sofrendo com todo tipo de ameaças e dificuldades. É culpado também o agronegócio com seu modelo de exploração dos pobres que, quando não mata com o veneno de seus agrotóxicos, mata com a bala de seus capangas.

As sementes do poder popular seguem com vida e, neste momento, companheiros de luta nas mais diversas barricadas da América Latina gritam:

NÃO TÁ MORTO QUEM PELEIA!!!
ARRIBA LOS QUE LUCHAN!!!
COMPANHEIRO CÍCERO GUEDES...
PRESENTE, PRESENTE, PRESENTE!!!

Com estes dois textos clássicos que aqui seguem, debatemos a questão da terra por uma perspectiva anarquista, alimentando nosso trabalho de base de inspiração e reflexão teórica. Ricardo Flores Magón escreve seu texto no interior de um processo revolucionário sem igual: a Revolução Mexicana. Protagonizada por camponeses, foi a primeira revolução social do século XX e marcou o imaginário e a prática política dos trabalhadores latino-americanos.

O outro texto é de autoria de Errico Malatesta, um militante anarquista italiano envolvido com o sindicalismo revolucionário de seu tempo e que produziu análises das mais variadas sobre a luta e os desafios dos trabalhadores.

Ambos os revolucionários que aqui desfilam suas palavras não foram “teóricos” no sentido estrito do termo. Como militantes revolucionários, dividiram sua vida entre o trabalho e a militância, continuamente sofrendo perseguições pelos diferentes governos. Magón morreu numa prisão estadunidense. Malatesta, em prisão domiciliar, faleceu após problemas de saúde em meio à ascensão do fascismo.

Suas palavras, no entanto, jamais morreram e chegam até a nossa militância, incentivando-nos a nunca desistir na luta contra o capital e o estado. Compartilhamos especialmente aos/as companheiros/as dos movimentos sociais do campo com quem construímos um povo forte, essas lúcidas e poderosas palavras.

Um Manifesto*

Ricardo Flores Magón e Librado Rivera

Companheiros:

O relógio da história está próximo de assinalar, com seu ponteiro inexorável, o instante que há de produzir a morte desta sociedade que agoniza.

A morte da velha sociedade está próxima, não tardará a ocorrer, e só poderão negar este fato aqueles a quem interessa que viva, aqueles que se aproveitam da injustiça em que está baseada, aqueles que verão com horror a revolução social, porque sabem que ao dia seguinte dela terão que trabalhar ombro a ombro com seus escravos da véspera.

Tudo indica, com a força da evidência, que a morte da sociedade burguesa não tarda em sobrevir. O cidadão vê com turvo olhar o policial, a quem ainda ontem considerava seu protetor e seu apoio; o leitor assíduo da imprensa burguesa encolhe os ombros e deixa cair com desprezo a folha prostituída em que aparecem as declarações dos chefes de Estado; o trabalhador põe-se em greve sem se importar que com sua atitude os interesses pátrios se prejudiquem, consciente já de que a pátria não é sua propriedade, senão a propriedade do rico; na rua se vêem rostos que às claras delatam a tormenta interior do descontente e há braços que parece que se agitam para construir a barricada. Murmura-se na cantina; murmura-se no teatro; murmura-se no bonde e em cada lar, especialmente em nossos lares, nos lares dos de baixo; lamenta-se a partida de um filho para a guerra, ou os corações se oprimem e os olhos se umedecem ao

pensar que amanhã, talvez hoje mesmo, o rapaz que é a alegria do casebre, o jovem que com sua frescura e sua graça envolve em resplendores de aurora a triste existência dos pais que estão no ocaso, será arrancado do seio amoroso da família para ir enfrentar, arma ao ombro, outro jovem que é, como ele, o encanto de seu lar, e a quem não odeia, e a quem não pode odiar porque nem sequer o conhece.

As chamas do descontente avivam-se ao sopro da tirania, cada vez mais ensoberbecida e cruel em todo o país, e aqui e lá, e a acolá, e em todas as partes, os punhos contraem-se, as mentes se exaltam, os corações batem com violência, e onde não se murmura, se grita, suspirando todos pelo momento em que as mãos calejadas em cem séculos de labor devam deixar cair a ferramenta fecunda para levantar o rifle que espera, nervoso, a carícia do herói.

Companheiros, o momento é solene; é o momento precursor da mais grandiosa catástrofe política e social que a história registra: a insurreição de todos os povos contra as condições existentes.

Vai ser, seguramente, um impulso cego das massas que sofrem; vai ser, sem dúvida, a explosão desordenada da cólera comprimida apenas pelo revólver do policial e da força do carrasco; vai ser o transbordamento de todas as indignações e de todas as amarguras e vai produzir-se o caos, o caos propício ao crescimento de todos os pescadores no rio revoltoso; caos do qual podem surgir novas opressões e tiranias novas porque

nesses casos, regularmente, o charlatão é o novo líder.

Toca, pois, a nós, os conscientes, preparar a mentalidade popular para quando chegar o momento, não preparar a insurreição, porque a insurreição nasce da tirania.

Preparar o povo não só para que espere com serenidade os grandes acontecimentos que vislumbramos, mas também para que seja capaz de não deixar-se arrastar pelos que querem conduzi-lo agora por caminhos de flores e idêntica escravidão ou tirania semelhante à que hoje sofremos.

Para conseguir que a rebeldia inconsciente não forje com seus próprios braços a cadeia nova que novamente há de escravizar o povo, é preciso que nós, todos os que não cremos em governo, todos os que estamos convencidos que governo, qualquer que seja sua forma e quem quer que se encontre à frente dele, é tirania, porque não é uma instituição criada para proteger o fraco, mas para amparar o forte, coloquemos à altura das circunstâncias e sem temor propaguemos nosso santo ideal anarquista, o único humano, o único justo, o único verdadeiro. Não fazê-lo, é trair com pleno conhecimento as vagas aspirações dos povos a uma liberdade sem limites, que não sejam os limites naturais, isto é, uma liberdade que não cause danos à conservação da espécie.

Não fazê-lo, é deixar as mãos livres para aqueles que querem aproveitar para fins meramente pessoais, o sacrifício dos humildes.

Não fazê-lo, é afirmar o que dizem nossos contrários: que está muito distante o tempo em que possa implantar nosso ideal. Atividade, atividade e mais atividade, isto é o que reclama o momento.

Que cada homem e cada mulher que amem o ideal anarquista o propague

com firmeza, com obstinação, sem ligar para zombarias, sem medir perigos, sem reparar nas conseqüências.

Mãos à obra, camaradas, e o porvir será para nosso ideal!
Terra e Liberdade!

*Título dado pelo LIBERA.

Publicado originalmente em 16/03/1918.

A Terra

Errico Malatesta

O problema da terra é talvez o mais grave, e o mais repleto de perigos, que a revolução deverá resolver.

Segundo a justiça – a justiça abstrata, que podemos resumir na frase *a cada um o que é seu* – a terra é de todos e deve estar à disposição de quem quiser trabalhar nela, da maneira que prefira, de forma individual ou em pequenas ou grandes associações, em benefício próprio ou da comunidade.

Mas a justiça não basta para garantir a vida civilizada. Se ela não for moderada, quase anulada, pelo espírito de fraternidade e pela consciência de solidariedade humana, dá origem, por conta da luta de cada um contra todos, à submissão e à exploração daqueles que são vencidos, ou seja, à injustiça em todas as relações sociais.

A cada um o que é seu. O seu de cada um deveria ser a parte que lhe corresponde dos bens naturais e dos bens acumulados pelas gerações passadas, mais aquilo que produz com seus próprios esforços. Mas como dividir de maneira justa os bens naturais e como determinar, na complexidade da vida civil e no concatenamento dos processos de produção, o que é o produto individual? E como medir o valor dos produtos para fins de troca?

Se partimos do princípio de cada um por si, então confiar na justiça é uma utopia. E reivindicá-la é uma hipocrisia, talvez inconsciente, que serve para encobrir o mais mesquinho egoísmo, o desejo de dominação e a cobiça de cada indivíduo.

O comunismo aparece então como a única solução

possível: o único sistema que, fundado sobre a solidariedade natural que vincula os homens entre si e sobre a solidariedade voluntária que os irmana, pode conciliar os interesses de todos e constituir a base de uma sociedade na qual seja garantido a todos o máximo bem-estar e a máxima liberdade possíveis.

Em termos de posse e utilização da terra a questão torna-se mais evidente do que nunca. Se toda a extensão cultivável fosse igualmente fértil e boa, em condições iguais para uma cômoda alternância de cultivos, poderíamos conceber sua divisão em partes iguais, ou equivalentes, entre todos os trabalhadores, que logo se associariam, se achassem necessário e da maneira que quisessem, no interesse da produção.

Mas as condições de produtividade, de salubridade, de comodidade das diversas parcelas da terra são tão variadas que não se pode pensar numa repartição em dimensões iguais.

Um governo que nacionaliza e arrenda a terra aos agricultores poderia resolver teoricamente a questão mediante uma taxa ao Estado que os economistas chamam de renda econômica. Ou seja, o que um pedaço de terra pode produzir além, com a mesma quantidade de trabalho, do que outro pedaço de terra de pior qualidade. É o sistema preconizado pelo norte-americano Henry George. Mas pode-se ver que tal sistema supõe a continuação da ordem burguesa, sem mencionar o aumento da força do Estado e das regras governamentais e burocráticas que se teria que enfrentar.

Portanto, para nós, que não queremos governo e não acreditamos ser possível nem desejável, econômica e moralmente, a posse individual do solo cultivável, a única solução é o comunismo e por isso somos comunistas.

Mas o comunismo deve ser voluntário, desejado e aceito livremente. Pois, se fosse imposto, produziria a mais monstruosa tirania, provocando em seguida o retorno ao individualismo burguês.

Agora, esperando que o comunismo demonstre suas vantagens com o exemplo daquelas coletividades que o praticam desde o princípio, e que todos o queiram assim, qual é o nosso programa agrário

prático que poremos em funcionamento de imediato, uma vez feita a revolução?

Eliminada a proteção legal da propriedade, os trabalhadores deverão tomar posse de toda a terra que não seja cultivada diretamente pelos próprios braços de seus atuais proprietários. Assim como constituir-se em associações e organizar por

si próprios a produção, utilizando todas as aptidões e capacidades técnicas com que estejam providos tanto os que sempre foram trabalhadores como os ex-burgueses, que ao serem expropriados e não podendo viver mais do trabalho dos demais, vão se tornar trabalhadores pela necessidade da situação. Rapidamente vão se estabe-

lecer entendimentos com as associações de trabalhadores industriais para a troca dos produtos, seja sobre bases comunistas ou segundo os diversos critérios que possam prevalecer nas diferentes localidades.

Entretanto, os alimentos seriam expropriados pelo povo em rebelião, e a distribuição às diversas localidades e a cada indivíduo se organizaria por iniciativa dos grupos revolucionários. Seria proporcionado aos camponeses as sementes, os fertilizantes, as ferramentas agrícolas e os animais de trabalho. Seria assegurado o acesso à terra a quem quiser trabalhar nela. Fica a questão dos camponeses proprietários. Se estes se negassem a se associar com os demais, não haveria nenhuma razão para incomodá-los sempre que trabalharem eles mesmos e não explorarem o trabalho de outros. As desvantagens, a quase impossibilidade do trabalho isolado, os atrairia rapidamente à órbita da coletividade.

RICHARDS, Vernon (compilador). **Malatesta**. Buenos Aires: Utopia Libertária, 2007.

Publicado em *Umanità Nova*, 15 de maio de 1920.

Tradução: Rafael V. (FARJ)

Revisão: El-Brujo (FARJ)



Notícias Libertárias

Mais um passo dado para a integração dos que lutam! Nos dias 25, 26 e 27 de janeiro, na cidade de Viamão (Rio Grande do Sul) foi realizado a 10ª edição do Encontro Latino Americano de Organizações Populares e Autônomas – ELAOPA. Foram mais de 60 organizações, coletivos, agrupamentos sindicais e estudantis, movimentos sociais e iniciativas populares que participaram de diversas oficinas, comissões de discussão temáticas e espaços de confraternização e cultura, construindo acordos e encaminhamentos para avançarmos nesse projeto popular e autônomo.

O tema transversal do Encontro foi o Plano IIRSA, sendo discutidos alguns conflitos e formas de luta e de resistência a esse plano de saque. Sua dinâmica foi organizada em comissões temáticas (Educação/Estudantil; Sindical; Terra e Meio Ambiente; Direitos Humanos; Gênero, etnia e sexualidade; Comunicação; Muralismo e Comunitário), o que ajudou a movimentar e orientar a militância dos diferentes países. No dia 27, o X ELAOPA se encerrou com uma confraternização entre os presentes, ao som das bandas *La Digna Rabia*, *Farabute* e *Orquestra de Mulheres*.

Destacamos nessa edição a homenagem realizada em memória ao companheiro Alberto “Pocho” Mechoso, lutador social uruguaio sequestrado e assassinado pela ditadura militar argentina, que foi coordenada por um companheiro do Ateneu do Cerro (Montevideu-Uruguaí). Aproveitamos assim para recordar a memória não só do citado companheiro, mas também de todos militantes que são referência de nossa luta cotidiana. Nós, povos latino americanos, não estamos e nem ficaremos quietos, não esqueceremos e nem perdoaremos os crimes das ditaduras na América Latina.

Sabemos que o encontro não tem pretensão de dar respostas a todos os problemas que coletivamente precisamos enfrentar, mas estamos certos que, enquanto espaço de articulação das lutas, ele tem a função de reafirmar nosso compromisso na construção de uma integração dos povos gerada desde baixo, desde os que lutam para construir um Poder Popular.

Se escucha, se escucha!

Arriba lxs que luchan!

Viva o ELAOPA 2013!

Texto na íntegra em: www.elaopa.org



Plenária do 10º ELAOPA

Liberdade para os presos de Bariloche: No dia 5 de fevereiro passado, companheir@s da Organização Popular, MTD-Pela Base e da FARJ realizaram um pequeno ato na frente do consulado argentino, exigindo a imediata libertação dos companheir@s do Movimento Social e Cooperativo 1º de Maio (Bariloche), presos na província de Rio Negro (Patagônia argentina) desde 13 de janeiro. O Movimento 1º de Maio agrupa 3 cooperativas que há mais de 10 anos lutam contra o desemprego e toda classe de injustiças que os trabalhadores têm que suportar. Foram levantadas as bandeiras das organizações, cartazes e uma faixa exigindo a libertação d@s companheir@s detidos e distribuídos panfletos. O interesse dos populares foi bastante satisfatório e diversas pessoas pararam para se informar, inclusive alguns cidadãos argentinos. Nesse mesmo dia, foram realizados atos simultâneos em diversas cidades da Argentina, Brasil e Uruguai. Atualmente, Haydee Grande, Giselle Poblete e Catalina Lineros estão em prisão domiciliar e José Paredes e Miguel Mansilla estão presos em delegacias de Bariloche. Reproduzimos abaixo a nota emitida pelo ELAOPA no final de janeiro:

PREPOS POR LUTAR, A LUTA OS LIBERARÁ! Nós Organizações reunidas no 10º Encontro Latino Americano de Organizações Populares e Autônomas, realizado nos dias 25, 26 e 27 de janeiro de 2013 no município de Viamão, realizamos este ato público em solidariedade a uma dezena de lutadores sociais argentinos do Movimento Social e Cooperativo 1º de Maio, presos pelo Estado Argentino acusados de incitarem uma série de saques de alimentos e mercadorias no mês de dezembro de 2012 em Bariloche. Há mais de 10 anos esses militantes sociais vêm se mobilizando e buscando alternativas contra o desemprego e toda a classe de injustiças, repressão, precarização das condições de trabalho, assassinatos à

juventude pobre, derivadas das políticas de clientelismo e assistencialismo, únicas respostas dos governos as demandas populares. No dia 20 de dezembro, em mais de 40 cidades da Argentina, centenas de famílias pobres decidiram tomar com suas próprias mãos alimentos de grandes supermercados, dando um basta à fome causada pela indiferença dos governos aos reclamos de trabalho e melhores condições de vida. Uma série de companheir@s da Cooperativa 1º de Maio foram então acusados de incitarem os saques em Bariloche e presos. Junto com eles foram detido pessoas que participaram dos saques e outras que saíram as ruas em solidariedade exigindo a libertação desses lutadores. Estes fatos estão inseridos em um contexto de criminalização do protesto e das mobilizações populares; de tentativa de desestruturar o trabalho daqueles que não se enquadram na lógica paternalista e clientelista dos governantes argentinos; e no processo de redução salarial e precarização das condições de trabalho para que as grandes empresas possam lucrar cada vez mais. É por isso que saímos às ruas em solidariedade, gritando: Mão estendida aos companheiros! Punho cerrado aos inimigos! Liberdade aos lutadores sociais do Movimento Social e Cooperativo 1º de Maio! (assinam 40 organizações sociais e políticas)

O PAU COMEU NA TERRA DO JOCA

*Num canto de sertão
Havia um “coroné”
Usava botas de couro
E na cabeça
Um “chapé”
No ombro
Usava um laço
Nas mãos
Uma espingarda
Montado
No seu cavalo
De cima
Falava alto:
- Corta cana!
- Colhe a cana!
- Vamos todos trabalhar!
- Corta o mato!
- Colhe o mato!
- Ninguém pode descansar!*

*Mas “teve” um dia
Que os “bóia-fria”
Não “guentaram” mais
E “arresolveram”
Mudar de ideia
Hum!
Coitado do “coroné”
E seus “capatais”
“Inté” o chão
Que era mansinho
Com o fogo ardeu
E o pau comeu...
É, o pau comeu
Na terra do Joca.*

*Joca se juntou a Juca
Teca se juntou a Tuca
E foram todos para a luta.
Joca se juntou a Juca
Juca se juntou a Teca
Teca se juntou a Tuca
E foram todos para a luta.*

(pausa)

*Quando amanheceu
Havia cantoria
Zefinha que era feinha
Bonita “inté” “ficô”
Ciro que era calado
“Inté” “discursô”.*

*Meninos
Brincavam de roda
Meninas
De roda brincavam
Os velhos
Sentados nos bancos
Na cara
Um “oh!” de espanto:
- Conseguiram!*

*Teca corta cana, Tuca colhe a cana
Vamos todos “trabalhá”
Joca corta o mato, Juca colhe o mato
É da gente esse “lugá”*

*Teca corta cana
Tuca colhe a cana
Vamos todos “descansá”.
Joca corta o mato
Juca colhe o mato
Vamos todos “governá”.*

Julinho Terra
Coletivo Anarquista Vira-Lata, anos 1980.

BIBLIOTECA SOCIAL FÁBIO LUZ - Fundada em 18 de novembro de 2001

Nosso acervo compreende livros sobre anarquismo, mov. operário, biografias, história, filosofia, literatura, ciências sociais, além de periódicos, fanzines e DVDs.

Rua Torres Homem 790, 2º andar, Vila Isabel. Sábados de 10h às 17h. fabioluz@riseup.net

Libera, 2.000 exemplares. Subscrições para esta edição:

Campos, Cav Negro, Durden Poulain, Brujo, Jack, Katonigra, Poressasbandas, Rudesindo, Sérgio, Seu Antenor.

Apoie o Libera você também: farj@riseup.net